

IX Encuentro Nacional y III Congreso Internacional de Historia Oral de la
República Argentina

“Los usos de la Memoria y la Historia Oral”

Festa e política na “Mata dos Janete”

Clotildes Avellar Teixeira

Historiadora/UFMG

Pós-graduada em Gestão do Patrimônio Cultural IEC/PUCMINAS

R Maura, 1050/501 – BH/MG – Brasil CEP: 31160-260

55 31 3075-6335

cloavellar@gmail.com

*Plantai no meio de uma praça uma estaca coroada de flores,
reuni ali o povo, e tereis uma festa” (J. J. Rousseau)*

Essa investigação tem como base o material levantado durante o desenvolvimento do projeto “Memória em movimento”, um trabalho de pesquisa empreendido entre os meses de agosto de 2000 e dezembro de 2001, em Belo Horizonte. Os dados foram recolhidos e sistematizados no sentido de subsidiar a escrita da história de um espaço público, o Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado, importante patrimônio ambiental preservado na capital do estado de Minas Gerais, no sudeste brasileiro. O trabalho teve como objetivo específico refletir sobre o processo de transformação de um terreno de propriedade particular em um Parque Público impulsionado por um movimento iniciado pela população do entorno. Atualmente bastante utilizado pela população da cidade, especialmente para a realização de atividades culturais, o parque constitui-se numa importante referência de preservação ambiental no contexto urbano da capital mineira

Para o projeto “Memória em Movimento”, foram gravados 44 depoimentos divididos entre os quatro grupos que foram definidos para compor o universo pesquisado. São eles: antigos proprietários, moradores do entorno, representantes do poder público e representantes da ACELN (Associação Cultural e Ecológica

Lagoa do Nado) organização que esteve à frente do movimento de luta para a criação do parque. A prioridade foi ouvir os participantes do movimento, pessoas que iniciaram e vivenciaram todo o processo: um total de 19 relatos de membros da associação.

Durante o trabalho de levantamento de dados, à medida que novas informações foram sendo, aos poucos, reveladas, pudemos perceber a importância dos eventos que aconteceram ali e que foram determinantes para o processo de constituição, criação e afirmação do parque como local de ocupação democrática, vocacionado para o fomento e a difusão cultural. Essa vocação pôde ser observada desde a fase inicial do movimento de luta, dada a utilização das festas e eventos como instrumento de ação política para auxiliar as ações desenvolvidas pelo grupo de líderes. O objetivo principal da ação, desde o início, sempre foi a criação de um parque no local, promovendo a transformação do local em um espaço público que pudesse ser utilizado pela população para o desenvolvimento das suas atividades culturais e de lazer.

Pensar as festas como instrumento de ação, no sentido da política significa discutir a forma e o objetivo da sua criação, e nesse sentido, alguns conceitos presentes no movimento de luta para a fundação do Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado podem ser analisados dentro da tradição do pensamento republicano, numa reflexão que tem como objetivo ampliar a discussão acerca do papel dos eventos comemorativos enquanto fator de aglutinação para pensar e desenvolver a ação política.

O Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado, localizado na região norte de Belo Horizonte, foi inaugurado em setembro de 1994 após aproximadamente dez anos de luta da comunidade do entorno para a sua criação. O movimento nascido dentro dos limites da antiga fazenda, propunha a transformação de um espaço privado em espaço público, criando uma área de preservação ambiental, hoje constituída em bem cultural da cidade.

Belo Horizonte, cidade planejada para abrigar a capital mineira, o centro administrativo do estado de Minas Gerais, foi construída no final do século XIX e na sua formação inicial se limitava ao interior de uma avenida que dava contorno

ao município. As regiões desenvolvidas fora daquele traçado fugiram ao planejamento originalmente estabelecido e obrigaram a ampliação dos serviços urbanos já nas primeiras décadas após a sua inauguração. Com o crescimento desordenado, na segunda metade do século XX até as áreas mais distantes da região central, como aquela onde hoje se encontra o parque, começaram a ser povoadas. Novos bairros surgiram nos locais onde antigamente se encontravam apenas fazendas e chácaras, voltadas para a produção agro-pecuária ou descanso e lazer familiar.

A região correspondente ao antigo distrito de Venda Nova, na qual se localiza a atual área do Parque, porção norte da cidade era constituída de grandes propriedades de terra mesmo antes da construção da cidade¹. Registros antigos apontam para a existência de um povoado no local desde a segunda metade do século XVIII². Venda Nova, na maior parte de sua extensão, era tomada por fazendas entremeadas por povoados espalhados de forma esparsa conforme mostram os antigos mapas que foram consultados durante o projeto. Dentre outros podemos destacar os povoados Córrego do Nado, Brancos, Curral dos Borges, Embiras e também o núcleo que se formou ao redor da Igreja Matriz de Santo Antônio e que deu nome ao distrito, mais tarde chamado de Venda Nova. Naquela época já existiam ali, além de atividades econômicas, algumas outras de cunho sócio-cultural, sendo registrada a existência de time de futebol, companhias musicais, teatrais e religiosas³. Engenho do Córrego do Nado era o nome de uma das fazendas que formavam o distrito de Venda Nova. e, de acordo com as indicações cartográficas disponíveis⁴, localizava-se na área correspondente ao atual Parque Fazenda Lagoa do Nado.

Este local, aproximadamente 300.000 metros quadrados de mata verde era parte de uma grande extensão de terras, adquirida em 1934 por Américo René Giannetti, negociante imobiliário, político e futuro prefeito da cidade. No local

¹ À época da instituição e construção de Belo Horizonte (então denominada oficialmente Cidade de Minas), o distrito de Venda Nova não pertencia ao seu território, mas sim ao município de Santa Luzia.

² Paiva, 1992.

³ cf. Silva, 2000: 12 e 21-5

⁴ Panorama de Belo Horizonte – Atlas Histórico, mapa p. 71 (ver tb. mapas pp. 59 e 61)

passava o antigo Córrego do Nado que mais tarde foi represado, originado a famosa Lagoa do Nado que deu nome ao parque. Foi lá que o ex-prefeito escolheu para construir uma chácara que durante décadas serviu de local de descanso e lazer da família.⁵

“(…)Meu pai construiu uma barragem dentro da propriedade, aquela barragem que existe até hoje. Foi tudo feito com o intuito de criar um lugar de lazer para a família. A construção da casa que ainda existe lá, o campo de futebol, e piscina. Lá também se explorava a criação de gado. Na época, em 1934, ele começou a construir um curral, que ficava exatamente após a atual avenida Pedro I. (...) A gente ia lá aos domingos, passava o domingo e voltava. (...) Até uma certa época, tinha inclusive plantação, tinha um laranjal enorme, (...) e também uma plantação de abacates (...) Por incrível que pareça, o leite da nossa família vinha dessa propriedade.(…) Mas isso, vamos dizer, foi na década de 1930. Belo Horizonte era muito pequena. Depois disso, com o crescimento, o desenvolvimento urbano, o tráfego aumentando, parou com as atividades e ficou só a propriedade. “(Murilo Giannetti).

Nesse período, dentro de uma visão que propunha a instalação de cidades-satélites ao redor da capital com cada uma delas assumindo funções diferenciadas, a região de Venda Nova passou a ser entendida como um lugar

⁵ As primeiras referências documentais ao Córrego do Nado foram obtidas em informações cartográficas encontradas no Panorama de Belo Horizonte – Atlas Histórico, mapa 12, página 45, intitulado Município de Belo Horizonte, datado de 1923. Já em relação à Lagoa do Nado propriamente dita, o primeiro documento no qual esta se encontra registrada é o mapa 31, página 74, do referido documento, formulado pela Divisão de Cartografia e Desenho do Departamento Geográfico do Estado, entre 1959 e 1960.

potencial para a instalação de “um belo centro residencial, uma verdadeira cidade popular”⁶. A partir de então teve início o processo de ocupação das áreas livres do antigo distrito. Décadas mais tarde, por volta dos anos 1960, iniciou-se a ocupação residencial dos bairros Planalto, Itapoã e Novo Itapoã, destinados à categoria profissional dos contabilistas. Tal ocupação se deu por meio de um convênio firmado entre o sindicato da classe e a proprietária do terreno, a Imobiliária Mineira S.A. empresa da família Giannetti. Nessa época, a fazenda que pertencia ao antigo prefeito já se encontrava desocupada contando apenas com a vigilância de um antigo caseiro... Por vários anos criara-se ali um ambiente festivo, principalmente para os mais jovens que se divertiam com brincadeiras, jogos e pescarias ocupando o casarão, a piscina e a própria lagoa. Aquele lugar havia sido, durante muito tempo, o local mais apreciado pela família para o repouso e o lazer, cujos finais de semana da década de 1950 eram muitíssimo animados e sempre muito divertidos.

Com o surgimento dos novos bairros, essa área, então desabitada e semi-abandonada pelos proprietários passou a ser popularmente conhecida como “Fazenda dos Janete”⁷, e apropriada, no sentido da utilização, novos moradores que ali chegaram e desenvolveram uma intensa relação de afetividade com o espaço. Começaram então as incursões, os passeios e as brincadeiras em volta da lagoa e pelas trilhas. Surgiram os primeiros encontros de amigos e junto com eles, as ‘rodas’ de músicos. Para cortar caminho entre os bairros ou apanhar lenha e água para uso doméstico o percurso pelas trilhas da “Janete” passou a fazer parte da rotina da nova população. A antiga chácara passou a ser ocupada novamente por adolescentes e jovens que redescobriram e re-significaram o lugar. A antiga chácara foi incorporada pela população do entorno como local de uso coletivo e adotado como um espaço pertencente a todos. Anos mais tarde, quando foi veiculada a notícia da construção de um imenso conjunto habitacional naquele

⁶ Relatório enviado à Câmara Municipal em 1948 pelo então Prefeito de Belo Horizonte, Otacílio Negrão de Lima. APCBH

⁷ ‘Fazenda dos Janete’, ‘Mata da Janete’, ou simplesmente ‘Janete’ foi como o local, aparentemente abandonado, área remanescente da antiga fazenda, ficou conhecido pelas pessoas que se instalaram no seu entorno.

local, o que significava o desmatamento de quase toda a área verde, a obstrução das nascentes e o aterramento da lagoa, essa população do entorno se uniu para lutar pela preservação do local como uma área coletiva, pública. Nascia assim o movimento que tinha como objetivo de criar institucionalmente no local uma área que pudesse ser utilizada por todos, moradores do entorno e de toda a cidade, para promover atividades de lazer e cultura. Desde o início sua principal característica era resistência dentro da concepção de luta pacífica para impedir a nova ocupação que destruiria a área verde hoje preservada pelos muros do parque.

Durante todo o processo de luta pela criação do parque, cerca de dez anos, vários foram os instrumentos utilizados pelo grupo para a ação política. O mais marcante e talvez aquele de maior abrangência foi a festa. As festas realizadas na área da antiga chácara ficaram famosas pelas suas apresentações musicais e cênicas e ultrapassaram muito os limites da região atraindo pessoas de toda cidade, até mesmo de cidades vizinhas. Eram pessoas que estavam interessadas em ampliar a discussão acerca da cultura e da preservação do meio ambiente: professores, artistas, estudantes, artesãos, escritores.

Naquele momento, por todo o mundo circulavam as idéias que embasaram muitos movimentos sociais no que tange a cultura e o ambientalismo. A contracultura buscava introduzir novos valores sócio-políticos e morais na sociedade ocidental partindo do questionamento de todo o sistema político, econômico, social e das tradicionais relações estabelecidas. Uma nova proposta surgia, associada ao clamor pela paz mundial determinado pelo contexto histórico da Guerra Fria e a tentativa de criar uma nova proposta que valorizasse as relações humanas e proporcionasse uma melhor forma de vida para todos. O movimento hippie influenciou toda uma geração pelos quatro cantos do planeta e junto com ele veio a difusão do amor à natureza e à vida natural. Aqueles meninos que cresceram brincando na Lagoa do Nado, influenciados por tudo isso se investiram da intenção de transformar aquele espaço em lugar ⁸ de acordo com o

⁸ Yi Fu Tuan que entende os lugares como centros aos quais atribuímos valor. Para ele, o espaço é transformado em lugar na medida em que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. Seria a

valor que lhe havia sido atribuído, pela relação de afeto que perpassa a noção de pertencimento. A idéia era atribuir à antiga chácara o novo significado construído por eles.

“Eu me mudei para o Itapoã em 1974 (...) Naquela época a lagoa servia como lazer para nós. Eu fui para lá com doze anos de idade. E, uma lembrança que eu tenho, assim muito forte, foi de ter nadado naquela lagoa, pescado demais nela... e realmente foi uma infância diferente dentro de uma cidade grande (...). Nós pescávamos e nadávamos na lagoa, (...) usávamos espingarda de chumbinho, essas coisas de pombo (...) fazíamos os pombinhos assados. (...) para você ter uma idéia do que nós fazíamos lá: havia um amigo nosso cujo pai era dono de um depósito de foguete. Havia uns foguetinhos, buscapés, que davam 3 tiros. Nós fazíamos aquilo é, guerra de buscapé ali nas mangueiras. Dividíamos a turma, cada um com um isqueirinho. Olha pra você ver! Mas no escuro dava um efeito maravilhoso!...” (Roberto Paiva)

“(...) a meninada ia pescar, nadar, fazer essas coisas na Lagoa do Nado. (...) Então, nós crescemos ali na Lagoa, tanto meus irmãos quanto os amigos, então era sempre assim: ia alcançando uma idade e o negócio era a Lagoa do Nado. Pegar passarinho, pescar, nadar, brincar de cabana, coisas assim. E olha que foi feita aquela avenida Olímpio Mourão Filho! Nós ficávamos brincando de catar caramujo. Não existia ainda o bairro Itapoã, a cerca vinha até a avenida,

experiência íntima com o lugar, ou seja, aquilo que transforma o espaço em lugar a partir dos

então os bois que eram o problema. Meus irmãos mais velhos estudavam ali no Três Poderes, tinham que atravessar o córrego perto do campo e os bois atacavam. Então era assim, uma comédia! Já houve dia de chuva que caía-se dentro do brejo (...) aí estudei no pré-primário lá também, mas a grande dificuldade era atravessar as “pinguelinhas”. Aquela passagem do grupo e a do campo ... Fazia parte da nossa vida atravessar a Lagoa do Nado, não tinha outro jeito. Depois o bairro Itapoá foi sendo construído, lotearam uma parte e fizeram o bairro (...) Nós brincávamos nas construções, nas ruas por ali. Menino brinca em tudo que se imagina, não é? Então, de qualquer maneira, desde pequeno não só para mim como para outras pessoas, a Gianetti fazia parte da nossa vida. (...) Na época das chuvas aparecia muito sapinho. Nós saíamos catando sapinho, voltávamos e então, embicávamos na enxurrada. (...) Papai também nos levava para fazer piquenique, havia tipo um “barrozinho”, uma areinha, tipo uma “prainha”, então nós íamos nadar lá. Papai, no domingo, levava toda a família para a beirada da praia. Eu devia ter uns cinco ou seis anos. Lembro-me, uma vez só dessas idas, na qual eu estava e comecei a me afogar... As pessoas falam - disso eu me lembro - eu devia ter sete, seis anos. (...) Acabava a aula no Lídia Angélica, a nossa brincadeira era levar os cachorros para passear lá no córrego, pescar sarapó... Sarapó é um peixe parecido com uma cobrinha, pretinho. Depois eu rolava na areia na construção do Itapoá e Jogava uma ‘peladinha’ para

significados que lhe são atribuídos.

dar uma sujada, e a mãe não desconfiar que as minhas mãos estavam cheias de ruga por ter nadado (risos). (...) as mangueiras sempre foram históricas na Lagoa do Nado, então nós entrávamos perto da casa dos caseiros, entrávamos escondido, para não levar tiro de sal ... E, perto do grupo, o caseiro só ia até o Batista, lá era o limite, até o Batista era tudo perigoso, não é? Depois ele não conseguia tomar conta, então nós nadávamos lá para o fundo, ficávamos no pé de manga, essas coisas todas.” (Izinho)

“... tudo que nós fazíamos, todas as brincadeiras, a relação era muito intensa. Eu vivi anos inesquecíveis lá. (...) eu já tinha uma relação com a natureza muito forte por causa da minha infância...” (Thyaga)

“(...) a Lagoa do Nado faz parte da minha vida mesmo, ela foi subsídio para minha formação humana, isso aqui me fez ver o mundo de uma maneira diferente, eu acho que, antes de mais nada, a Lagoa do Nado me fez ver o mundo de maneira diferente, e esse movimento tem importância. (...) A área da afetividade foi muito importante, porque o movimento ecológico não vive sem afetividade, principalmente no contexto histórico que nós estávamos vivendo, eu não vou comparar o movimento ecológico brasileiro com o movimento alemão que tem outras raízes. A nossa história: Primeiro, nós tínhamos um espaço que quase nenhum movimento possuía, nós tínhamos efetivamente um espaço que era a Lagoa do Nado, nossa grande mãe para brigar, isso aqui era a nossa

grande mãe, isso aqui era o útero enorme, era um grande útero. Então nós tínhamos efetivamente um espaço para lutar por ele e para vivenciar nossas experiências pessoais, as nossas experiências afetivas, nosso crescimento aqui dentro. Além disso, nós tínhamos uma causa.” (Álvaro Rocha)

O grupo tinha então uma “causa”. Um motivo para se organizar e lutar para a institucionalização de um espaço público naquele lugar tão freqüentado por todos e tão importante para as memórias individuais e coletiva da população do entorno. E foi dentro da proposta de defesa dessa “causa” que primeiramente pode-se perceber a presença de idéias de vinculação republicana. Já podemos perceber no objetivo principal do movimento: a luta pela criação de um espaço pertencesse a todos, uma concepção importante dentro universo do pensamento republicano, a idéia de um local onde os homens livres possam se encontrar.

Desde o início, nas primeiras discussões, a intenção prioritária do grupo sempre foi promover a garantia da utilização daquele espaço para o desenvolvimento de atividades coletivas, abertas à participação popular. Eram atividades que naquela época já haviam se tornado tradicionais dentro da comunidade e eram realizadas no espaço da antiga fazenda. Talvez por isso, associada à idéia de preservar o meio ambiente, as nascentes, a fauna e a flora, existia no movimento a intenção de manter aquele lugar como um espaço de desenvolvimento de atividades culturais. Vem daí a concepção da atual gestão do parque que é compartilhada entre as duas secretarias municipais e um conselho consultivo, formado por representantes de grupos da comunidade, visando garantir a pluralidade no uso do local. Tal qual o Podestá⁹ das cidades-repúblicas italianas, que governava consultando dois conselhos, a administração do Parque se dá a partir do consenso entre o funcionário assalariado e os membros do conselho consultivo, no sentido de conservar o estilo estabelecido entre os líderes do movimento.

Essa ocupação de lugares públicos constitui-se também numa forma clássica republicana de ação política, presente nos movimentos contestatórios. Ela aparece fortemente em maio de 68 e na Revolução do Veludo, em Praga e foi largamente utilizada pelo movimento durante todo o processo de luta pela criação do Parque Fazenda Lagoa do Nado. Se as primeiras manifestações aconteceram pelas ruas do bairro, logo foram transferidas para dentro da área, pois partiam do entendimento de que o local já era considerado um espaço público devendo, portanto, ser utilizado como tal.

Após uma série de manifestações coletivas, no ano de 1973 a área da antiga chácara foi declarada de utilidade pública, mas continuou abandonada. A população do entorno então começou a utilizar o espaço para a realização de várias atividades culturais visando garantir a ocupação do local. Embasados pelo conceito de solidariedade, um valor do mundo político na medida em que só existe na defesa daquilo que se acredita, os participantes do movimento vindos experiências comunitárias romântico-idealistas, recheadas de valores humanistas resolveram aplicar ali o resultado das muitas discussões do grupo. Dentro de uma linha de ação pacifista, alimentados pelas idéias de Ghandi e da desobediência civil, começaram a estabelecer uma série de ações na área, que foram bem acolhidas pela maioria da população da cidade. Foram muitas festas, shows e atividades culturais realizadas sob os olhos atentos do poder público, permanentemente convidado e da imprensa local, sempre convocada até mesmo para garantir que o evento não sofresse boicotes e conseguisse cumprir o seu objetivo político.

Inicialmente a proposta era especificamente divulgação a notícia da construção do conjunto habitacional tanto para a população do entorno como de toda a cidade por meio da realização de atividades ocupando as ruas próximas. A idéia era alertar a todos para a eminente destruição do local. Porém, a chegada de novos integrantes para o grupo trouxe outro tipo de orientação. Com base na experiência de luta política de esquerda contra a ditadura brasileira, o debate foi ampliado e optou-se pela efetiva ocupação do local com a realização das

⁹ Cidadão de outra cidade, eleito pelo voto popular que governava consultando dois conselhos. Era

atividades realizadas dentro do parque que pudessem alcançar um grande número de pessoas. Tais atividades foram pensadas no sentido de manter a utilização do espaço pela comunidade além de promover também a ampliação do debate, especialmente a partir da realização de eventos e festas. Foi uma estratégia usada para a mobilização popular. A chamada para a participação das pessoas da vizinhança no movimento, inclusive na tentativa de minimizar alguma rejeição, era uma convocação em forma de convite para participar das atividades culturais e dos eventos pensados para aquele lugar. À sombra de um governo autoritário, essa forma de aglutinação de pessoas, além de proporcionar momentos agradáveis aos participantes, dificultava a ocorrência de possíveis repressões aos encontros, pois, partiam da intenção da festa. O convite não era para participar de um movimento, nem para discutir propostas de atuação de nenhum grupo. A convocatória era simplesmente para um encontro festivo, celebrativo.

Nessa perspectiva, foram realizados encontros musicais, festas juninas, atividades divertidas para as crianças, campeonatos de skate, futebol e bicicross, entre outras. Para participar de tudo, eram especialmente convidados os moradores do entorno e dos bairros adjacentes, além de alguns outros grupos que já tinham algum grau de relacionamento com os freqüentadores locais, como os skatistas do alto da Avenida Afonso Pena e os artesãos da “Feira Hippie” , uma feira de artesanato que então acontecia na Praça da Liberdade, região central da cidade cujos freqüentadores na sua maioria passaram a ser simpatizantes do movimento, dado o empenho dos artesãos na sua divulgação .

Não podemos esquecer que os anos 1970 no Brasil foram marcados pelo retorno das manifestações populares públicas. Naquele momento, a sociedade brasileira voltava timidamente a ocupar as ruas. Era o início da chamada “distensão lenta e gradual” do governo Geisel e os aspectos negativos do “milagre econômico” – concentração de renda, redução de salários e aumento das dívidas - que haviam sido expostos ao povo pela primeira vez por meio do discurso oposicionista, ressoaram principalmente nas grandes cidades revelando o desejo

assalariado e detinha amplo poder.

generalizado de retorno à democracia. Apesar da repressão, da tortura e das prisões, estudantes e trabalhadores articularam-se novamente e uma diretoria da UNE foi eleita num congresso em 1979, após alguns encontros preparatórios nos anos de 1977 e 1978, ano em que o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em São Paulo conseguiu organizar a primeira greve bem sucedida do país desde 1968.

Nesse contexto ocorreram as primeiras reuniões e encontros que forneceram suporte às discussões centradas no eixo dos valores republicanos: O bem comum (espaço de utilização plural), a virtude (subordinação de interesses particulares ao bem geral) e a regulamentação pela lei (institucionalização do espaço público). A partir dessa reflexão os eventos foram produzidos no sentido ampliar as discussões em torno da idéia de construção de algo novo, na periferia de Belo Horizonte dentro de uma perspectiva diametralmente oposta à orientação do governo central. O que se solicitava com o movimento era a construção de um espaço que garantisse as liberdades individuais de expressão e a pluralidade da sua utilização. O exercício da cidadania era o princípio político implícito presente nas festas, entendidas aqui como fenômenos originais de atividade política, sempre ligadas ao espírito conceitual da polis grega: a percepção da comunidade sobre a essência e a esfera da política. Eram, portanto, cidadãos belorizontinos exercendo o seu direito, solicitando a criação de um espaço público.

Fazendo uma analogia ao pensamento rousseano, quando se trata do elogio à festa, o prazer do encontro e da reunião freqüente num espaço propício ao divertimento, possibilitado pelas festas públicas republicanas é que determina a união e a formação dos laços de sociabilidade. E é nesse momento que se abre espaço para a participação política, na medida em que existe o envolvimento de todos. “Enquanto atores em uma festa coletiva, temos alguma chance de exercitar nossa liberdade em toda a sua plenitude.”¹⁰ Conforme nos mostra Rousseau na Carta a d’Alembert numa crítica à utilização do teatro na formação moral da população de Genebra, as festas propiciam a coesão por unirem costumes e tradições. Nesse sentido, ele indica para Genebra, no lugar do espetáculo teatral, a adoção de festas ao ar livre, iluminadas pelo sol, onde os próprios expectadores

podem ser oferecidos como espetáculo: “ fazei com que cada um se veja e se ame nos outros, para que todos fiquem mais unidos” ¹¹ , ensina o filósofo.

Nas festas criadas no espaço da antiga “Chácara dos Janete”, todos eram convidados a participar. A estratégia do grupo que liderou o movimento e mais tarde criou a Associação Cultural e Ecológica Lagoa do Nado era o convite para a festa. Primeiro vinha a possibilidade do encontro e depois a troca de informações e o encaminhamento das reflexões. Nas festas se formava a esfera pública. As pessoas se comunicavam e tornavam público o seu ponto de vista, daí surgiam as formações associativas. As festas da lagoa, como eram chamadas, além de servir à discussão e à participação política, determinaram a institucionalização do movimento por meio da criação da ACELN que assumiu a liderança do movimento. Assim como na tradição republicana onde a associação é criada para cuidar da coisa pública e não das ações do cotidiano, a ACELN funcionava como elemento fundador da tradição do encontro que mistura o debate político com formas de sociabilidade. A discussão política se dava a partir de um evento cultural, num programa de domingo ou sábado à noite.

Durante todo o movimento foram realizadas 16 grandes festas, para as quais eram distribuídos convites a toda população da cidade. De acordo com os principais líderes o argumento principal para a utilização das festas como espaço privilegiado para a discussão política, tal qual defendeu Rousseau, diz respeito ao grau de identidade entre os participantes, ampliado pela participação nas atividades culturais.

“Se eu te convidar para um debate político, para resistir contra uma atitude governamental ou mesmo para a participação num movimento de cunho político, talvez você não va. Mas se eu te convidar para uma festa...” (Izinho)

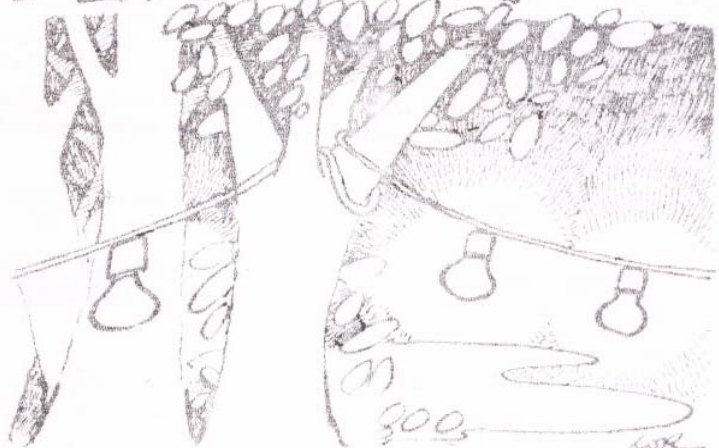
¹⁰Trecho final do texto de Luiz Roberto Salinas Fortes, no livro *Paradoxo do espetáculo: política e poética em Rousseau* em que examina a crítica do filósofo à representação.

¹¹ *Carta a d’Alembert*, p.233-4

Assim, de festa em festa, ocorreu um intenso envolvimento da população com o movimento, chegando a ter a participação de 2.000 pessoas em um evento. Muitos artistas também se envolveram com a “causa”, especialmente aqueles voltados para a cultura popular. Foram muitas as festas juninas realizadas dentro da mais pura tradição regional do povo brasileiro. O resultado foi uma grande conquista: a efetiva criação do Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado, abrigando nas suas dependências um Centro de Cultura, que vem desde então apoiando iniciativas culturais locais e oferecendo vários tipos de atividades aos freqüentadores.

Com a implantação do Parque, enquanto equipamento público subordinado á administração municipal ocorrida no ano de 1993, a associação perdeu o objetivo da liderança de um movimento e passou a funcionar mais como um órgão fiscalizador e consultivo das ações ali desenvolvidas. As festas realizadas atualmente no parque são sempre comemorativas e quase pedagógicas, estão relacionadas a divulgação das idéias de preservação da memória e do patrimônio cultural e natural.

2ª FESTA DA LAGOA DO NADO



5, 6 E 7 DE OUTUBRO

NO PARQUE LAGOA DO NADO, NO ITAPOÃ

SHOWS - TEATROS - SEREBETAS - CORRIDAS E
MUITAS ATIVIDADES PARA TODAS AS IDADES.

INFORMAÇÕES: COLEGIOS E ASSOCIAÇÕES DE
BAIRRO DA REGIÃO DE V. NOVA



PROMOÇÃO DA ASSOCIAÇÃO
CULTURAL E ECOLÓGICA
LAGOA DO NADO

Disciplina

Convite para a II Festa , outubro de 1983 – acervo ACELN



Imagem da antiga fazenda. Anos 1960. Autor desconhecido. Acervo da ACELN



A festa – autor desconhecido – anos 1970 – Acervo da ACELN

BIBLIOGRAFIA

Arendt, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1993.
Bignotto, Newton. *Origens do republicanismo moderno*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2001.

Rousseau, Jean-Jacques. *Discurso sobre as ciências e as artes*. São Paulo, Editora Abril, Coleção “Os Pensadores”, vol. XXIV 1973

Salinas Fortes, Luiz Roberto. *Paradoxo do espetáculo: política e poética em Rousseau*. São Paulo, Discurso Editorial, 1997.

Skinner, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo, Companhia das letras, 1999.

Acervo da Associação Cultural e Ecológica Lagoa do Nado, pastas 01 a 05

Entrevistas orais do projeto “Memória em movimento”

Entrevistados:

1. *Abilde Maria Carneiro*, 50 anos Diretora do CCLN, Belo Horizonte,
2. *Álvaro Rocha*, mais de 50 anos, membro da ACELN, Belo Horizonte, janeiro de 2001
3. *Ângela Lutterbach*, mais de 40 anos, membro da ACELN, B. Horizonte, dezembro de 2000
4. *Berenice Menegalle*, mais de 40 anos, ex-secretária Municipal de Cultura de Belo Horizonte, Janeiro de 2001
5. *Cornelissen* – mais de 50 anos, morador do entorno da antiga chácara, Belo Horizonte, março/2001
6. *Cristina Nogueira*, mais de 40 anos, funcionária da secretaria de meio Ambiente da PBH, Belo Horizonte, fevereiro de 2001,
7. *Daniel Ramos Maia*, ator, morador do entorno, Belo Horizonte, dezembro de 2000
8. *Débora Munhoz*, mais de 40 anos, colaboradora da ACELN, janeiro de 2001
9. *Glimar Silva*, 47 anos, membro da ACELN, Belo Horizonte, dezembro de 2000
10. *Dorotéia*, mais de 40 anos, moradora do entorno, Belo Horizonte, dezembro de 2000
11. *Ester Prímola*, mais de 60 anos, moradora do entorno, Belo Horizonte, dezembro de 2000
12. *Luíza Benfica*, mais de 70 anos, moradora do entorno e mãe dos líderes do movimento, Belo Horizonte, janeiro de 2001

13. *Mariinha*, mais de 70 anos, moradora do entorno e freqüentadora do parque, Belo horizonte, novembro de 2000.
14. *Eduardo Brandão Azeredo*, mais de 50 anos, senador, ex-prefeito e ex-governador do estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, dezembro 2000
15. *Flávio Lúcio Braga Cerezo*, mais de 40 anos, membro da ACELN, Belo Horizonte, fevereiro de 2001
16. *Fernando Torres Negreiros*, mais de 40 anos, membro da ACELN, Belo Horizonte, novembro de 2000
17. *Gilson Melo*, mais de 40 anos, ex-diretor do Centro Cultural Lagoa do Nado, Belo Horizonte, março de 2001
18. *Guilardo Veloso*, produtor cultural, 47 anos, membro da ACELN, Belo Horizonte, janeiro de 2001
19. *Hiram Firmino*, mais de 50 anos, jornalista ambientalista, Contagem, março de 2001
20. *Irã Cardoso*, mais de 50 anos, ex- secretário municipal do Meio Ambiente, dezembro de 2000
21. *Izinho Benfica*, 45 anos, ex-vereador, militante da ACELN, Belo Horizonte, dezembro de 2000
22. *João Bosco Senra*, 48 anos, deputado Federal, primeiro presidente da ACELN, Belo Horizonte, dezembro 2000
23. *João das Neves*, mais de 60 anos, teatrólogo, Belo horizonte, março de 2001
23. *Lor*, mais de 50 anos, professor universitário, membro da ACELN, Belo Horizonte março de 2001
25. *Maria Antonieta Cunha*, mais de 60 anos, ex-secretária municipal de cultura de Belo Horizonte, Belo Horizonte, fevereiro de 2001
26. *Márcia Betânia*, mais de 40 anos, membro da ACELN, Belo Horizonte, janeiro de 2001
27. *Marco Eliel*, mais de 40 anos, membro da ACELN, Belo Horizonte, dezembro de 2000
28. *Maria Dalce*, mais de 40 anos, membro da ACELN, Belo horizonte, janeiro de 2001

29. *Marku Ribas*, mais de 50 anos, músico e compositor, Belo Horizonte, março de 2001
30. *Maurício Campos*, mais de 60 anos, político, ex-prefeito de Belo Horizonte, Belo Horizonte, dezembro de 2000
31. *Miguel Ângelo Andrade*, mais de 40 anos, membro da ACELN, Belo Horizonte, março de 2001
32. *Murilo Gianetti*, mais de 60 anos, corretor de imóveis, Belo Horizonte, janeiro de 2001
33. *Patrus Ananias*, mais de 60 anos, político, Ministro de Estado, ex- prefeito de Belo Horizonte, Belo Horizonte, dezembro de 2000
34. *Oswaldo Bastos (Reco)*, 44 anos, músico, cantor, militante da ACELN, Belo Horizonte, dezembro de 2000
35. *Roberto Paiva*, mais de 50 anos, membro da ACELN, Belo horizonte, janeiro de 2000
36. *Rogério Salgado*, mais de 50 anos, poeta, militante da ACELN, Belo Horizonte, janeiro de 2001
37. *Rômulo Costa e Silva*, 47 anos, artesão, ACELN, dezembro de 2000
38. *Ronaldo Vasconcelos*, mais de 50 anos, ambientalista, ex-secretário municipal do meio ambiente de Belo Horizonte, Belo Horizonte, dezembro de 2000
39. *Sérgio Augusto Domingues (Guto)*, mais de 40 anos, membro da ACELN, Belo Horizonte, março de 2001
40. *Sérgio Clark*, mais de 50 anos, membro da ACELN, Belo Horizonte, dezembro de 2000
41. *Sérgio Ferrara*, mais de 60 anos, político, ex-prefeito de Belo Horizonte, Belo Horizonte, julho de 2001
42. *Cássio Thyaga* , mais de 50 anos, ambientalista e professor, membro da ACELN, Viçosa, março de 2001
43. *Titane*, mais de 50 anos, cantora e membro da ACELN, Belo Horizonte, janeiro de 2001
44. *Wellison Pimenta*, mais de 40 anos, ator e pertencente à comunidade do entorno, Belo Horizonte, janeiro de 2001